



SACCONI, Luiz Antonio. Dia do Trabalho, dia do povo. Correio Popular, Campinas, 01 maio, 1981.

Luiz Antonio Sacconi

Hoje é dia de prestar homenagem ao povo. Mas eu ainda não sei se isto é homenagem ou afronta:

Abre-te, Sésamo!

Era uma vez um governador de Estado que havia ficado muito rico à custa do povo. O povo, então, resolveu um dia estabelecer com ele um diálogo franco e aberto para ver se pelo menos o seu dinheiro estava em boas mãos.

— Governador, como anda o trabalho?

— Trabalho?! Ah, o trabalho, sim, sim, claro... De tanto, vocês nem têm idéia da hora que levanto e da hora que deito.

— E o povo, governador? Vossa Excelência tem idéia da hora a que o povo se levanta e da hora a que ele se deita?

— Disso eu não sei, mas posso garantir a vocês que o povo de hoje está levantando mais tranqüilo do que aquele de quarenta anos atrás. E posso garantir mais: o povo deita hoje com a certeza de estar trabalhando para tornar este país uma potência mundial.

— Essa estória o povo ouve desde Caminha, governador. O povo, sempre o povo. Quando se levanta, é para robustecer ônibus cada vez mais superlotados; quando se deita, é para fugir a um fogo cruzado qualquer, tão comum hoje em nossas ruas.

— Isso pouco importa. O que realmente importa é o progresso deste país. Tudo o mais é conversa de agitador.

— Muito bem, governador, é assim que se fala...

— Eu quero, sim, estar ao par do trabalho do meu secretariado, porque estando ao par do trabalho do meu secretariado, eu estarei colaborando para o bem do meu povo, porque — vocês não tenham dúvida — este país será, daqui a uma geração, uma das maiores potências do mundo ocidental. Eu sou um otimista, eu acredito na força deste país!

— Nós, o povo, também acreditamos na força deste país, governador, mas não com essa gente que hoje anda por aí, de planalto em planalto. Enquanto não encontrarmos neste país governantes que realmente estejam a par dos verdadeiros problemas nacionais e competência para resolvê-los, aonde buscarmos tanta credulidade? Ah, vamos esquecendo: é preciso que os governantes tenham — claro — além de competência, dignidade, moral e alguma honestidade, a indispensável preocupação do povo, as quais Vossa Excelência nunca teve e não tem, para poderem querer resolver problemas do povo. Além do quê, os problemas do seu povo podem não ser os problemas do povo.

— Essa é uma tática esquerdista!!!

— Há um preconceito universal, Excelência, que nos fala do encontro dos extremos. Por isso, não nos situe em extremos, forçando um encontro que não queremos.

— Isso me lisonjeia bastante.

— Ninguém mais do que nós sabe muito bem disso, governador! Mas há uma qualidade em Vossa Excelência que até nós admiramos: a sua memória. Prodigiosa mesmo. Qual é o segredo, governador?

— São truques. Uso truques.

— Truques!?!?

— Vocês estão admirados, por quê? São truques, ora! Truques!

— Não, não, admirados até que não... A propósito, governador, Vossa Excelência conhece estas palavras do cômico alemão Richter: "A memória é o único paraíso do qual não podemos ser repelidos"?

— Não, não conheço.

— Pois é... Mas estas de Antônio Peres, o político e escritor espanhol do século XVII, Vossa Excelência naturalmente deve conhecer de cor: "A memória é o melhor espelho para reconhecer e corrigir os próprios defeitos".

— Também não conheço. Mas, afinal, para que tanta citação?

— Para nada, governador, para nada... Vossa Excelência nos disse que é um otimista inveterado. Muito bem. Poderia nos dizer também se se considera uma pessoa discreta?

— Ora, vejam só! Mas é lógico que sou uma pessoa discreta! Minha discreção é tão grande, que a manifestei dias atrás por um canal de televisão.

— Que discrição foi essa, governador?

— Vocês querem maior demonstração de absoluta discrição quando eu declaro que também prefiro uma democracia em apuros do que uma ditadura progressista?

— Aleluia!... Nós conhecemos de sobra a sua discrição, governador. É tão grande, que lhe deram até um Estado de presente. Quanto às suas preferências, governador, devemos lhe dizer que também temos as nossas. O povo garante — de pés juntos — que prefere a verdade à mentira, a saúde à inanição, a realidade, embora dura, ao ufanismo hipócrita, a violência à sobrevivência, a mesa à miséria, o trabalho ao roubo, o professor justamente remunerado ao telefone a bordo, eleições diretas a eleições indiretas, o respeito à prepotência, o povo garante que prefere, enfim, o 15 de novembro de 1950 ao 1.º de abril de 1964.

— Gosto não se discute.

— Muito bem, governador, é assim que se fala...

Era uma vez um governador que infelizmente é. O povo espera ansiosamente que logo seja foi.